Desiludido após quase quatro décadas na magistratura, Galiano Moretti abandona o sul da Bahia e busca refúgio no sertão mineiro. Entre telas, pinceladas e silêncio, tenta conter a culpa de ter manchado a toga. O peso vem de um processo que rachou sua noção de justiça: dezesseis mortos em teste ilegal de medicamento de uma farmacêutica holandesa. Fraude, corrupção e escândalo sexual unem o bilionário estrangeiro ao prefeito local e, diante do abismo, Galiano comete o imperdoável para um juiz. A culpa o devora, e ele abandona a carreira. No casarão da família de Maria Fernanda, esposa e escritora, Galiano tenta um remanso que não chega. A paz é um animal arisco. O passado o persegue, e o incômodo retorna quando Estela, viúva de um antigo professor de Maria Fernanda, o procura: precisa de um advogado para cobrar ações que o marido mantinha em uma empresa de plano de saúde. Aceitar significaria descer outra vez ao porão do Direito; recusar, admitir que a tormenta venceu. Entre o medo da regressão e a fome de expiação, Galiano enfrenta as dissonâncias cognitivas que deformam a verdade quando o poder e o dinheiro torcem as regras. A família — Maria Fernanda, Glauco, Lígia e o cachorro Baldo — torna-se espelho e campo de batalha, enquanto a pintura oferece um vislumbre de ordem num mundo que insiste em vermelho, como os olhos das vítimas. O sertão, com sua luz impiedosa, não esconde sombras: apenas as revela. Em **O Vermelho nos Olhos**, acompanhamos a queda e a possível redenção de um homem encurralado entre ética e sobrevivência, justiça e lei, silêncio e verdade. O romance tensiona a fronteira entre o que é lícito e o que é justo, perguntando até onde alguém pode ir para impedir que a injustiça continue — e quanto custa viver com a escolha.

"Um thriller psicológico de atmosfera brasileira, onde a culpa é motor, a paz é miragem e a verdade cobra em prestações".